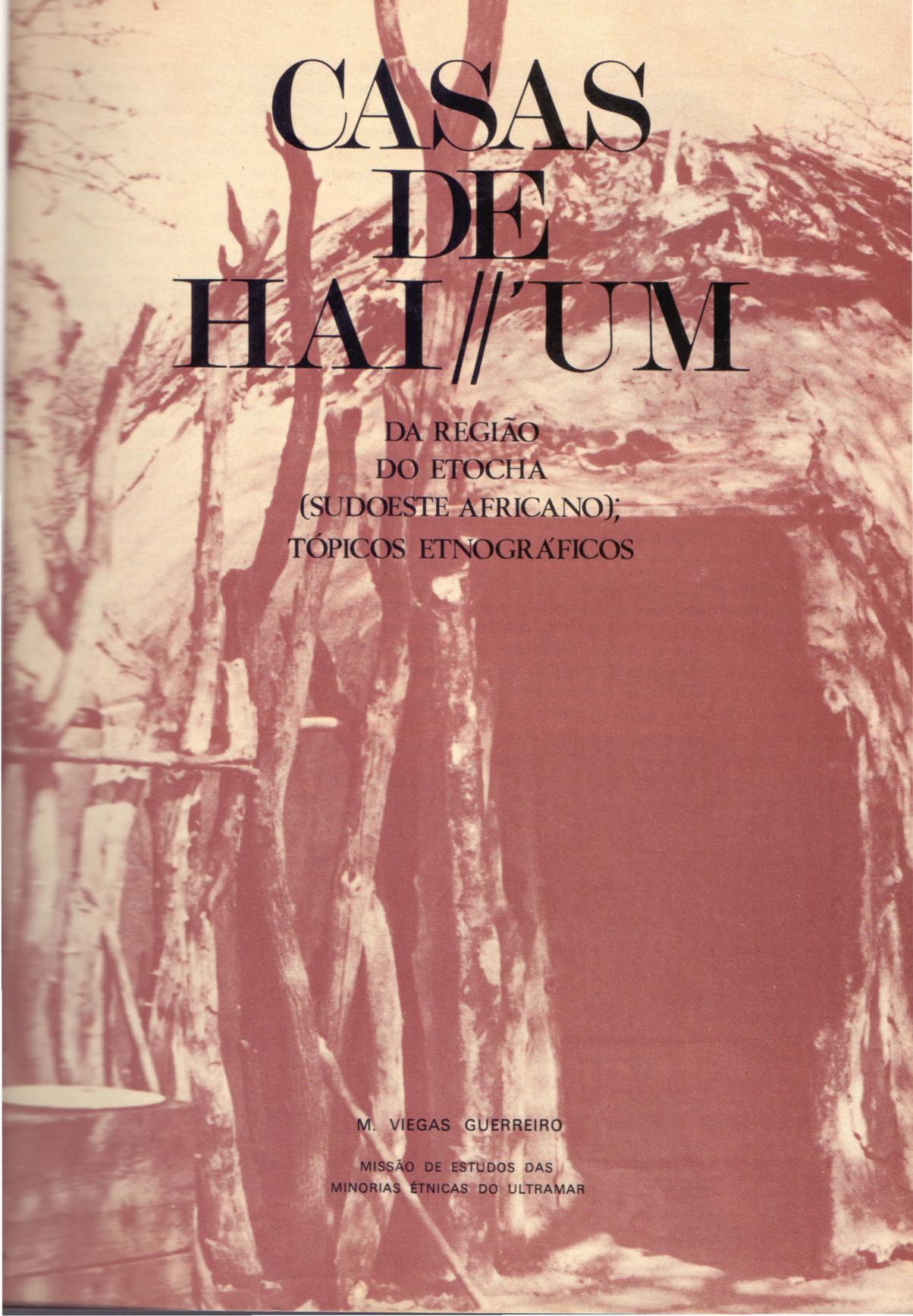


GEOGRAPHICA

REVISTA DA SOCIEDADE
DE GEOGRAFIA DE LISBOA

ANO III • N.º 9 • JANEIRO 1967





CASAS DE HAI//UM

DA REGIÃO
DO ETOCHA
(SUDOESTE AFRICANO);
TÓPICOS ETNOGRÁFICOS

M. VIEGAS GUERREIRO

MISSÃO DE ESTUDOS DAS
MINORIAS ÉTNICAS DO ULTRAMAR



1. Homem Hai//um

1. Notícia histórica

Os Hai//um são um dos povos não bantos que habitam a metade norte do Sudoeste Africano. Sua estatura é média, a cor castanho-amarelada, a cabeça comprida e estreita, cabelo em carapinha e aos tufos, a face triangular com malares muito salientes, os olhos colocados obliquamente nas órbitas, nariz achatado e curto, os lábios finos e derramados e as mãos e pés pequenos (fig. 1). Por seus traços físicos diremos que são Hotentotes. E, como em alguns indivíduos a estatura se avanta, a cor é mais carregada, os lábios mais grossos e as mulheres não apresentam saliente esteatopigia, poderemos acrescentar que, cruzados com populações de cor negra e, neste caso, por certo, Bergdamas, Hereros e Ovambos. E a hipótese de que são Hotentotes ainda se vê reforçada com o falarem um dialecto derivado da língua **nama** e haver na sua cultura elementos típicos da civilização hotentote.

A economia tradicional dos Hai//um é, todavia, a de um povo caçador e colector; e por isso e porque sua cultura espiritual é essencialmente afim da dos Bochimanes tem-se escrito que são Bochimanes, fortemente mestiçados com Hotentotes e Bergdamas, a que não falta alguma mistura de sangue de **Ovambos** (1). Schapera, que advoga este ponto de vista, traz em apoio dele a notícia de que Werner encontrou alguns deles a falar um idioma seu. E junta que os exem-

plos dados por Werner revelam que este idioma se aproxima muito do dos Bochimanes **!khū** (2).

O Prof. E. Westphal, autorizado especialista em línguas do Sul de África, afirma, porém, em artigo recente: «Comparações linguísticas minuciosas podem revelar que os Hai//um do Sudoeste Africano têm alguma relação com os **!khū**..., mas esta comparação ainda se não fez. Só há um exemplo de um povo [de língua] hotentote a aceitar o material lexical de um povo de língua **bush**, e este é o **N/hai-(n)ts'e** de entre Ghanzi e o lago Ngami (3)». Ora isto nos mostra que, embora categóricas, alguma firmeza falta às afirmações acabadas de registrar. E os elementos linguísticos **!khū**, a existirem, também podem ter sido importados, o que equivale a dizer que fica de pé a primeira hipótese. E as coincidências culturais também não bastam para que os tenhamos por Bochimanes de raça. Pois não vivia da caça e recolecção um ramo dos Hotentotes, os **Saan**, cujos restos ainda foram encontrados no deserto de Namibe pelos primeiros exploradores do sertão de África (4)? Estermann sugere que sejam **Saan** os **Ovakede** do Sul de Angola e Sudoeste Africano (5), povo também de língua hotentote e de economia tradicional colectora simples; não serão do mesmo modo **Saan** os nossos Hai//um? Mas fiquemos por aqui em matéria de duvidosas origens.

2. A habitação e seus tipos

Os Hai//um deambularam até há pouco por uma extensa área, que abrangia o lago Etocha, as terras limítrofes das dos Ovambos, nas regiões de Grootfontein e Outjo, e chegava às vizinhanças de Rehoboth (6), mas a presença solicitante dos Bantos, a ocupação progressiva do solo por fazendeiros brancos e a criação da grande reserva de caça do Etocha acabaram, de todo, com o seu nomadismo tradicional. Vivem, actualmente, de trabalho assalariado, junto de brancos e pretos. Foi em Onguna, lugar adjacente ao Etocha, a 18 km de Namutoni, que, em Agosto de 1960, encontrei um numeroso grupo de Hai//um. Estavam a trabalhar na fazenda do Sr. Rudolf Böhme, um destes velhos, corajosos e empreendedores colonos alemães, que ainda hoje se vêem no Sudoeste Africano e já aí estavam ao tempo da primeira grande guerra mundial.

O grupo instalara-se perto do domicílio dos Böhme. Constituído por famílias aparentadas,

tinha-se partido em pequenas fracções, cada uma das quais construíra o seu aldeamento. Esboçava-se a distribuição circular, mas era evidente que essa marca antiga estava a perder o vigor. Em alguns casos as construções encostavam-se umas às outras, a esmo, sem plano definido.

As habitações eram de vários tipos; começemos pelo mais simples. Colhem-se no mato ramos secos, compridos e flexíveis de espinheira, que se enteram em círculos de 2 m a 2,5 m de diâmetro. Os ramos são curvados para dentro, de modo a juntarem-se em cima e ao meio. Amarram-se com folhas de mateba (palmeira) lá onde faz falta sujeitá-los, para que não formem prolongamentos escusados. O arcabouço toma, assim, a forma de um hemisfério irregular, de uma cúpula mais ou menos perfeita, com a deformidade ou aleijões a que obriga a matéria indócil ou a linha circular deficiente do traçado inicial. Para tapar as fendas juntam-se outros ramos, fragmentos de madeira ou cascas de árvores, ligadas ou não com a mateba. É a esta tosca armação que se aplica, exteriormente, o reboque, por meio de uma argamassa feita de argila e bosta de boi. O reboque não chega, no entanto, a cobri-la toda: começa rente ao chão e sobe a 1,6 m e daqui ao topo vai 1 m, aproximadamente. Esta última parte é, então, coberta com cascas de árvores, em forma de canudo, como se fossem telhas, as

quais, uma vez ou outra, ainda se carregam de capim. Percebe-se a razão disto: o fumo tem, assim, por onde se escoar; o fumo e os cheiros, ao mesmo tempo que o ambiente se areja. Em climas de pouca chuva esta impermeabilidade é suficiente. Fica uma abertura ogival para entrada, com cerca de 1,6 m de alto por 0,65 m de largo. Fecha-a uma porta de madeira, à moda europeia, formada de tábuas, duas em posição vertical, a que se prega o extremo de outras, dispostas horizontalmente. As ombreiras são paus e a porta prende-se a um deles por duas tiras de couro. O fecho é um anel de arame, fixo à porta, que se enfia na ombreira livre (fig. 2).

Não vi cubata que fosse toda rebocada inteiramente, embora me dissessem que as havia. Corria nelas, irregularmente, a toda a volta, e a modo de lambrim que não excedia 1 m de altura,

(1) I. Schapera—*The Khoisan Peoples of South Africa, Bushmen and Hottentots*. 2.^a ed. Londres. Routledge & Kegan Paul, Ltd. 1951, p. 34.

(2) *Ibidem*, p. 35.

(3) *The Linguistic Prehistory of Southern Africa: Bush, Kwadi, Hottentot and Bantu Linguistic Relationships*. Africa (Londres), vol. XXXIII (n.º 3), p. 252, Julho de 1963.

(4) Vid. P. e Carlos Estermann—*Etnografia do Sudoeste de Angola*. Lisboa. Junta de Investigações do Ultramar, vol. I, p. 35, 1956.

(5) *Ibidem*.

(6) Schapera — *Op. cit.*, p. 34.

(7) A ideia veio-me de Estermann — *Op. cit.*, vol. III, p. 98.

4 — Abrigo tradicional.





um pequeno reboque da mesma argamassa. O chão é também de argila e bosta de boi; e é sobre ele, manta ou pele que se dorme. O fogo arde dentro, junto da porta.

Este género de habitação, que faz lembrar uma cabeça rapada com um tufo de cabelos desgredados na moleira, é tipicamente herero e de Hereros foi recebido. É o conhecido **pontok**, em forma de cortiço, não devendo, porém, esquecer-se de que este cortiço de abelhas é o que se usa na Europa do centro e austral.

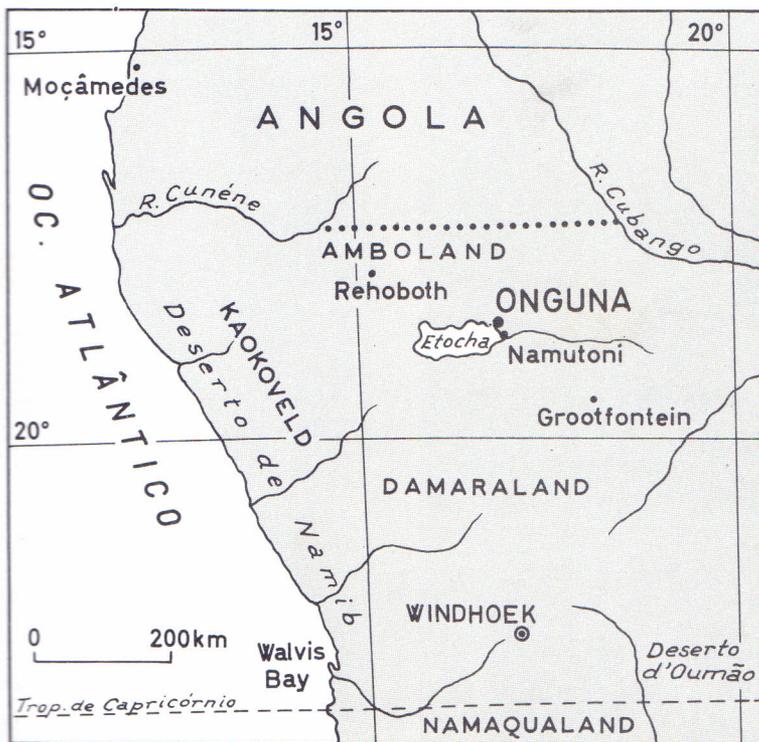
Outro tipo de habitação é a de vestíbulo, também parte integrante da cubata dos Hereros. É nestes um pequeno túnel, pelo qual se passa de gatas, ao passo que toma proporções maiores nestes **Hai//um**, erguendo-se a altura pouco menor que a de um homem, o que, sem dúvida, se deve tanto a influência de brancos como a novas atitudes em face da vida. O vestíbulo evita que a água da chuva penetre na cubata e guarda-a da curiosidade de estranhos. Apresenta modalidades várias; esta a mais simples: uma das pontas da feira de paus, que forma o corpo da cubata, sai do seu alinhamento circular para se ampliar para fora, em espiral, indo as extremidades dos paus fixar-se a meio da armação; a outra ponta

3 — Casa hemisférica com abertura ogival e porta de madeira.

4 — Habitação com vestíbulo.

5 — Mulher **Hai//um** com lenço atado a modo de turbante.





continua-se também levemente para fora. Fica formada uma como bolsa ou excrescência tumoral, que é o vestibulo. Entre este e o interior da casa não existe qualquer vedação (figs. 2 4 e 6). Ainda que a sugestão venha dos Hereros, penso que se continua aqui uma feição peculiar do abrigo tradicional. Quando construído para maior duração, desenvolve-se este em espiral, do que lhe resulta abertura em caracol, que furta a olhos alheios a intimidade do lar.

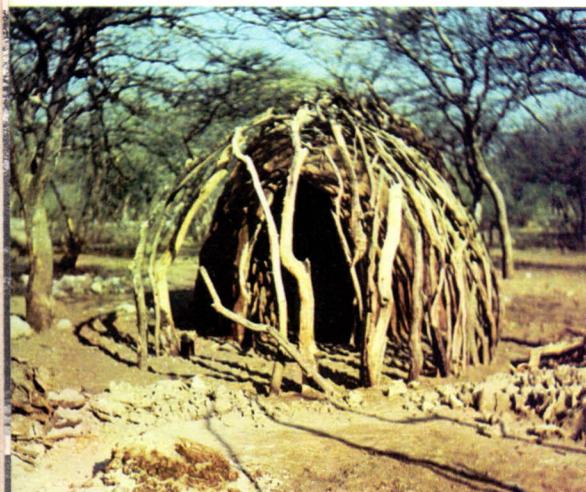
Em uma outra modalidade de vestibulo as duas paredes deste projectam-se para diante e formam abóbada ogival (fig. 4). Outras vezes as paredes são direitas e a cobertura, horizontal, feita de tábuas (fig. A). Em ambos os casos o vestibulo é isolado do recinto interior por cortina de paus, ao meio da qual há uma porta de madeira do tipo feito da que se descreveu.

Como anexo destas cubatas constroem alguns uma espécie de meio abrigo, aberto, diante da entrada, onde se cozinha e se conversa.

Havia ainda, no agregado habitacional, duas casas rectangulares, de tipo europeu, com paredes de pau-a-pique, revestidas da mesma argamassa,

e telhado de zinco, de duas águas. Serviam de armazém de trastes.

Este tipo de construção circular a par com a cubata cônica, sua irmã gêmea, constituem a primeira habitação propriamente dita. São a morada típica das populações seminômadas de pastores da África Negra e ainda quando estes tenham associado ao pastoreio uma agricultura subsidiária. É já feita para durar, mas não muito, uma vez que não é grande a resistência dos materiais que nela entram. Nem a função para que se destina a mais obriga, dada a relativa mobilidade de seus donos. Na sua feição hemisférica constroem-na, além dos Hereros, Bergdamas, Hotentotes, Bassutos e Zulos, os Pigmeus do Congo, e, fora de África, também se vê, posto que raramente, entre tribos indonésias, australianas, nos Lapões, em alguns grupos siberianos e em índios da costa ocidental da América do Norte. É uma construção fácil, que permite o uso de materiais leves e não tem problemas de cobertura: as varas que se atam ao centro tanto são paredes como telhado. As formas cônica e cupular parecem depender da natureza dos materiais que se têm à mão. Nos Hereros, que foram os mestres dos Hai//um, a forma cônica é a que se vê



6 — Casa com vestibulo de abóbada ogival e meio abrigo aberto, diante.

ao norte do Cunene, onde há árvores de todos os portes e é fácil cortar paus rijos e compridos que aguentam essa estrutura; ao sul, as espinheiras anãs ou de pouca altura não podem senão produzir ramos flexíveis que vão dar ao bojo das cubatas de cúpula (?). A casa está, assim, em íntima dependência do ambiente. E, se este lhe não impõe a forma, esta é, pelo menos em parte, o resultado dele. Sua cor é a da terra clara e a das árvores escuras e, se a queremos enxergar de longe, quase se nos torna invisível.

Na história da evolução dos tipos de domicílio no Sul de África, este que descrevemos parece situar-se entre o abrigo transitório, cónico ou cupular de pequena altura, feito de ramos, cascas e capins, que só tem antes de si primitivo guarda-vento, e a construção redonda de paredes verticais e chapéu cónico dos povos bantos agricultores, que só tem depois de si a casa rectangular ou quadrangular.

A cubata dos **Hai//um** é da mulher e por ela construída, tal como acontece com Hereros e Bergdamas.

3. Tópicos etnográficos

Os **Hai//um** são um povo em profunda transformação. Tiveram de trocar, em pouco tempo, sua vida nómada pela de um povo sedentário. E de modo tão compulsivo e violento que nem sequer lhes é consentida a posse saudosa do arco e da flecha. Uma multa de 10 libras — quase

800\$00 — cairá, sem remédio, sobre quem os possua, a qual, por incomportável com seus recursos pecuniários, será equivalente à perda de liberdade. Em contacto com brancos e com pretos e na exclusiva dependência deles, tornam-se dia a dia mais evidentes as marcas da estranha influência. Já vimos como se afirmam na edificação da morada; para aqui, agora, somente alguns aspectos da sua presença em outros domínios da cultura.

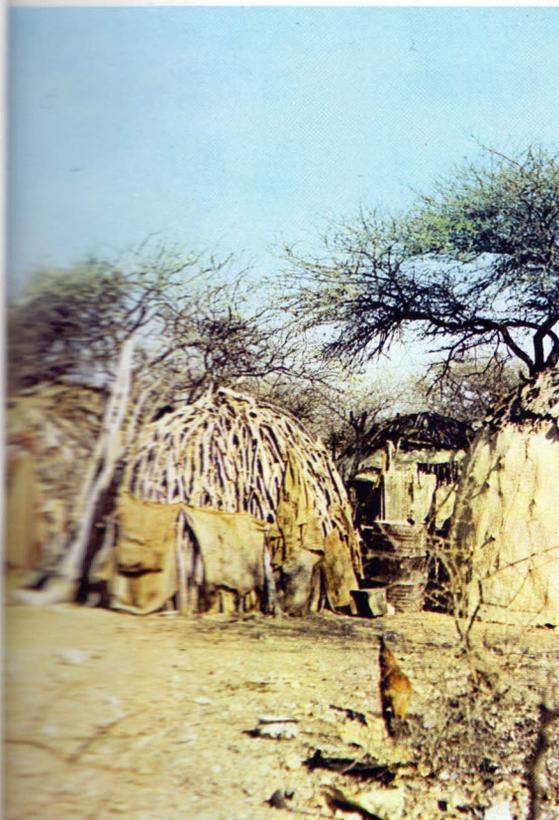
É na vida material que mais se evidencia a proximidade dos Brancos, ao passo que a dos Bantos se insinua, sobretudo, nas actividades do espírito. Almofariz e pilão são os tradicionais, mas o machado é europeu. Panelas e tachos de ferro e de esmalte, baldes de zinco, bacias e púcaros de esmalte, tudo europeu. As mulheres fumam pelo antigo cachimbo em tronco de cone, mas os homens pelo de foinha europeia. Vestem-se como os Brancos, e muito da roupa que os Americanos deitam fora e despejam, em fardos, nas costas de África. As mulheres fazem do lenço um turbante, talvez de origem muçulmana (figs. 5 e 8), havendo, todavia, quem o use à europeia.

Nas cerimónias de puberdade das raparigas preservam-se costumes antigos, mas em vez da pele é um pano que cobre a cabeça da iniciada, enquanto cá fora se dança e canta à moda dos Bantos, mas ao som de viola europeia.

Falam entre si a sua língua e com os Hereros a destes. Não faltam, contudo, no vocabulário próprio, vocábulos bantos e até, às vezes, os homens dialogam em herero, descuidadamente, o que não sucede com as mulheres, por mais conservadoras; estas nem o herero falam com fluência.

4. Conclusão

Estamos, em suma, diante de uma população deslocada, mas já afeita às vicissitudes da nova vida que tem. Interrogada a este respeito, afirma mesmo que a prefere à anterior penúria do mato. A violenta transição não equivale, contudo, a subversão. Só se vai perdendo o que vale menos. E já vimos como isso se dá com o exemplo, aqui relevante, da construção da casa: numa tradição de abrigo circular, que primeiro mal se esboça com o guarda-vento e depois se completa com o abrigo cónico, coube perfeitamente a mais complexa cubata hemisférica dos Hereros.



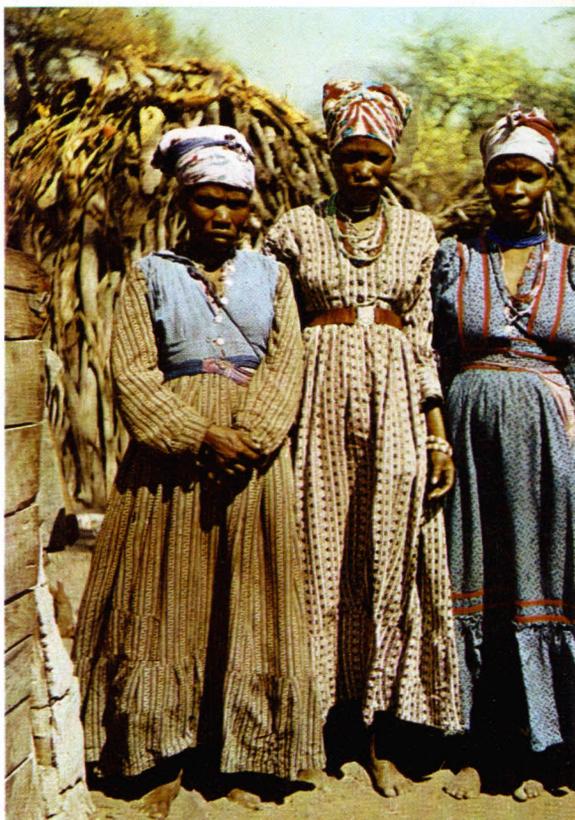
7 — Grupo de habitações de Hai//um, sem referência no texto.

résumé

LES MAISONS DES HAI//UM DANS LA RÉGION DE L'ETOCHA (Sud-Ouest Africain)

Les Hai//um sont, probablement, de race Hottentote, avec mélange de sang noir; leur culture est cependant la culture traditionnelle des Boshimans. Nous pouvons formuler l'hypothèse qu'ils appartiennent à la branche **Saan** de la race Hottentote. Jusque récemment, ils ont occupé la vaste région confinant au lac Etocha et au pays des Ovambo; mais depuis l'interdiction de chasser sur les terres adjacentes à l'Etocha, ils vivent cantonnés près de Blancs et de Noirs et dépendent économiquement d'eux.

Le groupe étudié vivait près de Namutoni dans une exploitation appartenant à Rudolf



8 — Outras mulheres Hai//um.

Böhme. Il y avait deux types d'habitations: a) la hutte hémisphérique faite de buissons enfoncés dans la terre, crépée à l'extérieur et à l'intérieur d'argile et de bouse, à ouverture ogivale et porte de bois; b) la hutte hémisphérique, comme la précédente, mais à plusieurs chambres. Les deux types leur sont venus des Hereros. Il existait également des constructions rectangulaires à l'europpéenne, avec murs de pieux verticaux enduits d'argile et de bouse, mais celles-ci servaient uniquement d'entrepôts.

Faites de la terre sur laquelle elles se dressent et des branches des arbres qui y poussent, les huttes prennent la couleur du paysage environnant et s'y confondent. Les femmes, qui en ont la propriété, les construisent.

L'influence des Blancs et des Noirs sur les Hai//um est importante. Aux premiers, ceux-ci empruntent surtout l'habillement et les ustensiles, aux seconds la langue et les coutumes; mais l'évolution profonde qu'ils subissent, se poursuit cependant peu à peu, sans troubles excessifs.



BANCO DE ANGOLA

O BANCO DE
ANGOLA APOIA
UMA ECONOMIA

EM EXPANSÃO, A DA GRANDE PROVÍNCIA ANGO-
LANA-DEPENDÊNCIAS EM TODAS AS PRINCIPAIS
LOCALIDADES DE ANGOLA-SEDE: R. DA PRATA, 10

LISBOA